

A ARQUITETURA ESCOLAR HIGIENISTA: UM ESTUDO DO MANUAL “BIOLOGIA APLICADA À EDUCAÇÃO” (1936)

Laís Funari Hartwig
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
hartwiglais@gmail.com

Vania Grim Thies
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
vaniagrim@gmail.com

O objetivo do estudo é verificar no manual Biologia Aplicada à Educação, autoria de Aristides Ricardo de 1936, as recomendações de ventilação e iluminação para os prédios escolares segundo os preceitos higienistas do período. Para a pesquisa, foram realizadas a leitura e análise do manual “Biologia aplicada à educação” (1936) salvaguardado no Centro de memória Hisales¹ e também os referenciais teóricos sobre o tema.

O movimento higienista ganha forças no Brasil no século XX, mas sua origem já vinha desde a medicalização social que se instaura no século XVIII e buscava contribuir com a melhoria da saúde da população brasileira, segundo Lima e Pontes (2009). Com isso passamos a ter no Brasil, um movimento que buscava o progresso da nação com a instauração de normas, regulamentações e orientações que tiveram como base/motivação questões de higiene e saúde. Segundo Michel e Peres (2001),

Nesse período, houve, a defesa da escola como um espaço privilegiado para difundir hábitos de higiene, de limpeza, de asseio, de ordem social e individual, não só entre os alunos, mas também e, especialmente, entre as famílias (MICHEL; PERES, 2021, p. 412).

Assim, as escolas passaram a ganhar uma grande atenção a partir desse tema. Conforme Lima e Pontes (2009), os manuais escolares ganharam textos que serviam como orientações, como uma forma de controlar a higiene escolar. Citamos o exemplo de um dos manuais: “Biologia Aplicada à Educação”, obra que será analisada neste trabalho. Segundo Cavadas (2010), nas três primeiras décadas do século XX doenças infectocontagiosas afetaram muito a população brasileira e as condições higiênico-

sanitárias inapropriadas da maioria das escolas aumentavam o risco de contágio. Os preceitos higienistas eram seguidos tanto no tratamento dos alunos, como também na construção das escolas, bem como o fato dessas refletirem um lugar de vigilância constante, fator impulsionado pela arquitetura, que também era regulamentada pela não propagação de doenças.

Segundo Lima e Pontes (2009), os manuais existentes para a higiene escolar, comumente encontrados no período higienista, indicam além das recomendações sobre higiene, também ensinamentos sobre “[...] as condições para a manutenção da saúde, incluindo aspectos relativos ao solo, o ar, a água, o clima, o vestuário, a alimentação, a habitação e os prédios escolares” (LIMA, PONTES, 2009, p. 2).

De forma metodológica, o trabalho se inicia após a leitura de parte da obra “Biologia Aplicada à Educação” (1936), autoria de Aristides Ricardo. Surge a inquietação para descobrir quais os fatores presentes na obra que apresentavam os preceitos higienistas que indicavam como deveria ser a construção das escolas. A partir do referido manual, selecionamos alguns excertos que expressam recomendações de ventilação e iluminação para os prédios escolares.

Dessa forma, a ideia de vigilância constante se tornou comum entre as edificações escolares do período se fazendo presente orientações para a organização espacial, a rotina, as atividades sequenciadas e locais definidos para cada atividade, conforme Azevedo, Amorim e Rosa (2017). Era comum encontrar diversas escolas próximas dos postos de saúde, praças, entre outros prédios principais no meio urbano. As escolas ficam próximas a esses prédios ou espaços, garantindo maior visibilidade. Assim, segundo autores, o poder disciplinar de controle se estabelecia sobre os alunos e, ao mesmo tempo também, sobre professores e diretores.

Sobre as recomendações feitas para a construção das escolas no período em questão, algumas recomendações estão descritas na obra “Biologia Aplicada à Educação” (1936), usada neste estudo. As recomendações quanto a circulação de ar eram temas muito debatidos entre os especialistas em higiene escolar, conforme Lima e Pontes (2009). Tais autores também afirmam que o médico Oscar Clark, defendia que a escola fosse ao ar livre, o que permitiria a maior circulação de ar. Até mesmo o tipo de solo era levado em consideração para a escolha do terreno de implantação da escola, tendo em mente que terrenos com uma composição mais granular permitem a conservação de

água e ar.

Segundo a obra de Aristides Ricardo (1936), foco deste trabalho, as janelas deveriam ocupar uma altura próxima ao teto das salas, sendo mantidas sempre abertas. Ainda segundo o autor, as salas deveriam ter constante troca de ar com o ambiente externo. E, caso as janelas precisassem ser fechadas, deveria haver outros dispositivos capazes de proporcionar a troca de ar do ambiente. Afirma que: “Dever-se-á attender a que a pureza do ar atmospherico é absolutamente necessaria á creança, como a todos os individuos, mais áquella, em virtude do seu rapido crescimento” (RICARDO, 1936, p. 311). Assim, o autor nos traz as preocupações do período higienista em relação ao crescimento saudável.

As recomendações para o uso de luz natural na obra “Biologia Aplicada à Educação” (1936) afirmavam que as janelas deveriam corresponder a 1,5 da área do piso e deveriam ficar ao lado esquerdo da sala, pois considerava a iluminação esquerda unilateral melhor. A iluminação natural deveria ser abundante, mas sempre tomando cuidado: “A iluminação bilateral cruzada, desegual, perturba a visão e castiga os olhos, não lhes permitindo o necessário repouso. A iluminação unilateral direita produz sombra sobre as carteiras, prejudicando a visão” (RICARDO, 1936, p. 310). Nota-se, novamente a preocupação em relação a saúde das crianças.

É possível perceber que construção das escolas não eram espaços que recebiam muita atenção até o início do higienismo, por este motivo eram consideradas como possíveis locais de reprodução de doenças. Assim, com o que se chamou de período higienista, as escolas passam a ser projetadas ou escolhidas com maior rigor. Fato que propicia o surgimento dos manuais com recomendações para as construções escolares. As escolas passam a ter papel fundamental no combate as doenças e, por isso, passam a ter rotinas rigorosas e restrições em relação ao espaço físico. É possível inferir que essas recomendações afetavam diretamente o processo de ensino e de aprendizagem, relacionando as escolas a um local de vigilância constante, tanto no âmbito da saúde, quanto na construção e nas rotinas.

Esse período foi importante para a criação de normas que ajudassem a refletir sobre as escolas, sendo a partir da instauração de normas de construção, seja pela preocupação com estas. Ainda verificamos muitos aspectos daquele período com base para a construção das escolas atuais como formas de uma constante vigilância sobre os

alunos, professores e diretores a partir dos planejamentos dos prédios escolares.

¹ Mais informações sobre o Hisales no site (www.ufpel.edu.br/fae/hisales/), nas rede sociais (Facebook: Hisales, Instagram: @hisales.ufpel) e por e-mail (grupohisales@gmail.com).

Palavras-chave: Arquitetura Escolar, escola, higienismo.

Referências

AZEVEDO, C., AMORIM, H., SANTOS, R. Princípios Higienistas e a Escola para a República: Um Estudo Sobre os Grupos Escolares do Rio Grande do Norte. **Educação em debate**. Fortaleza, BA, n. 73, p. 132-153, 2017.

CAVADAS, B. O Higienismo nas Escolas do Ensino Primário (1900-1930).

Caderno de Investigação Aplicada. N. 4, p. 33-59, 2010.

JUNIOR, L. CARVALHO, C. O Discurso Médico-Higienista no Brasil do Início do Século XX. **Trab. Educ. Saúde**. Rio de Janeiro, RJ, v. 10, n. 3, p. 427-451, 2012.

LIMA, A. L., PONTES, J. Arquitetura moderna para uma escola higiênica: um estudo a partir de manuais de higiene escolar. In: **SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL 8**. São Paulo, 2009. Disponível

em:<<https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/050-1.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2023.

MICHEL, C., PERES, E. Higiene e cultura material escolar: o fornecimento de urinóis, cuspideiras e afins às escolas públicas do Rio Grande do Sul (1882- 1911). In: CORDEIRO, A., GARCIA, G., KINCHESECKI, A.P., KANAZAWA, J. **A Teia das Coisas: Cultura Material Escolar e Pesquisa em Rede**. Curitiba: CRV, 2021. Cap. 22, p. 390-408.

RICARDO, A. **Biologia Aplicada à Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.